

UM OLHAR PARA  
O OUTRO.



Paula Alves

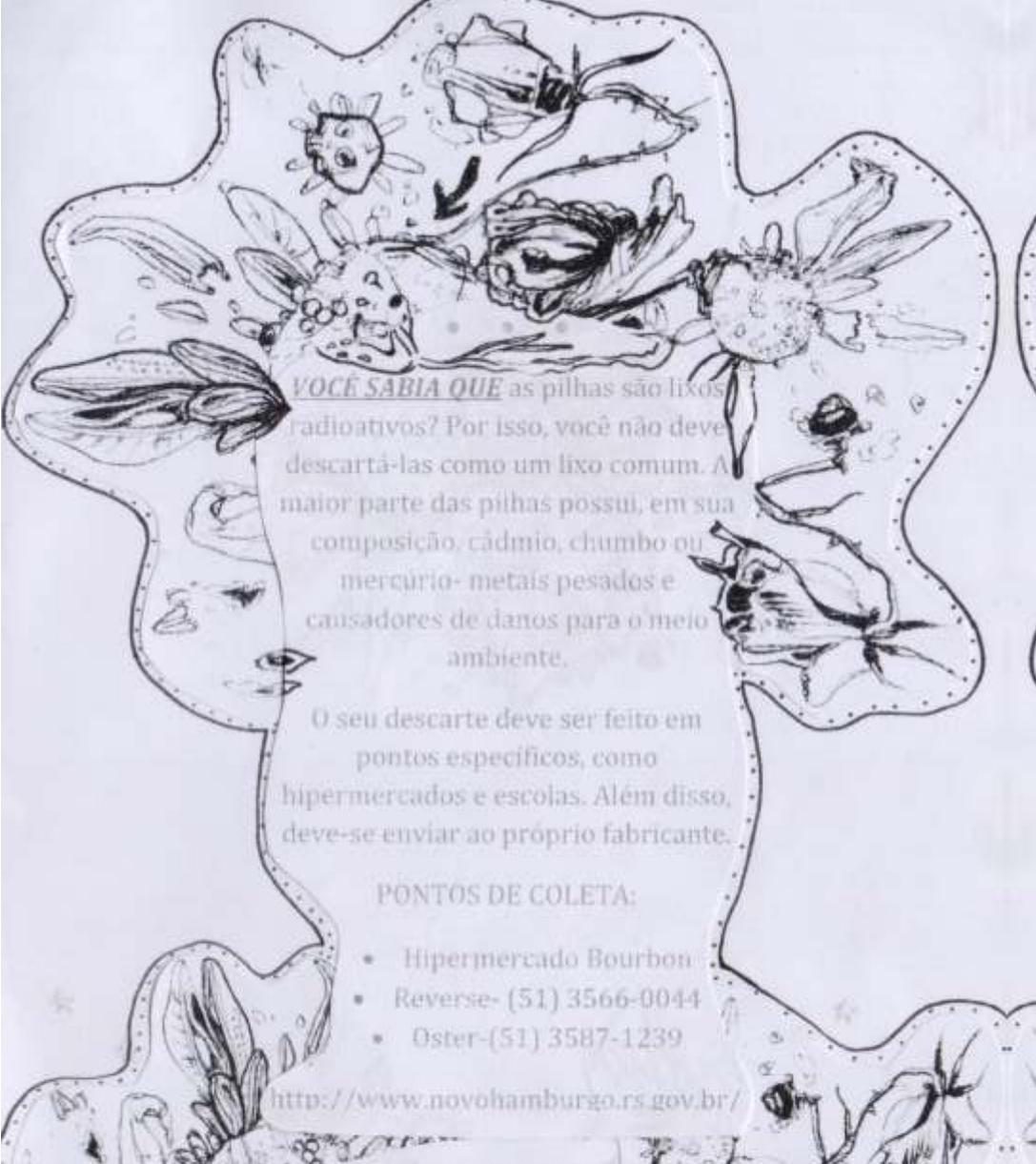
Maria Steiner

Isabela Pezzin

Isadora Pezzin



Vivemos em um mundo que é movido pelo capitalismo e pelas longas jornadas de trabalho, em decorrência desse fato não temos tempo, muitas vezes, para visitar entidades que acolhem e ajudam os carentes. Quando diminuimos nosso ritmo do dia a dia, e conseguimos conhecer esses lares sofreremos uma mudança de meio, percebendo que o nosso mundo é apenas mais um, como no fenômeno refração da física que ocorre quando uma onda passa de um meio para outro e sua velocidade sofre alteração nessa mudança de meio. Além disso, nessa troca de espaço, quando a velocidade diminui o raio incidente se aproxima da normal, dessa forma quando reduzimos a rapidez do nosso cotidiano e mudamos nosso ambiente comuns substituindo-o por lugares que ajudam e olham o outro, nos aproximamos dessa realidade e dessas pessoas, criando um laço de afeto e preocupação. Do mesmo modo, quando a velocidade aumenta, o raio incidente se afasta da normal, no momento em que priorizamos o nosso sistema capitalista e o individualismo e esquecemos o mundo ao nosso redor, nos afastamos da realidade e do que realmente acontece no mundo. Nesse sentido, o ritmo de nossas vidas proporciona com que nos afastemos ou aproximemos dos fatos do mundo e do lugar em que vivemos possibilitando ou dificultando a visão de que o nosso mundo é UM mundo e não O mundo. Aliás, a refração cria a ilusão ótica de que um corpo, que intercepta a superfície de separação de dois meios, está em um lugar diferente do que ele realmente se encontra, isto é, mesmo que troquemos nosso meio e nos aproximemos da vida das pessoas carecidas, nunca vamos realmente entender, pois não passamos pelo que estas passaram, ou seja, sempre enxergaremos a partir de nossas experiências e não das delas sendo assim nunca entenderemos por completo o que elas sentem e passam.



**VOCE SABIA QUE** as pilhas são lixo  
radioativos? Por isso, você não deve  
descartá-las como um lixo comum. A  
maior parte das pilhas possui, em sua  
composição, cádmio, chumbo ou  
mercúrio- metais pesados e  
causadores de danos para o meio  
ambiente.

O seu descarte deve ser feito em  
pontos específicos, como  
hipermercados e escolas. Além disso,  
deve-se enviar ao próprio fabricante.

**PONTOS DE COLETA:**

- Hipermercado Bourbon
- Reverse- (51) 3566-0044
- Oster-(51) 3587-1239

<http://www.novohamburgo.rs.gov.br/>



*Excelentíssima Cristina Souza de Costa, secretária da Educação de Novo Hamburgo*

*Apesar de sabermos que a senhora, como secretária da Educação do município de Novo Hamburgo, é uma pessoa muito ocupada, gostaríamos que lesse esta carta e atendesse as nossas ideias em relação ao Programa de Gestão Social de Resíduos Sólidos (CATAVIDA).*

*Recentemente, fizemos uma visita a uma das sedes do programa e tivemos a oportunidade de adentrar uma realidade completamente diferente da nossa: de pessoas que vivem em um trabalho que para muitos é algo desumano. Nessa senda, nossa percepção quanto ao cotidiano do local mudou completamente, de forma que valorização tanto da coleta quanto do trabalho tornou-se, para nós, mais presente.*

*Dentre as informações lá apresentadas, descobrimos que a cidade de Novo Hamburgo produz cerca de 200 toneladas de lixo por dia. Porém, apenas 340 toneladas são recicladas por mês, aumentando - cada vez mais - a demanda de serviço do local. A falta de separação dos resíduos por nós produzidos não só dificulta o trabalho dos catadores como*

*também os sujeita a lidar com algo que não seria necessário, como os resíduos do banheiro. Por isso, sugerimos a colocação de mais lixeiras identificadas nas escolas, para assim, facilitar o trabalho dos catadores. Ao visitarmos o local também percebemos o quão valorizado o trabalho dos catadores deveria e poderia ser. Dessa maneira, gostaríamos de sugerir a senhora atividades de incentivo para os estudantes da cidade com base em palestras sobre diversos assuntos relacionados ao lugar e as atividades lá realizadas. Além disso, acreditamos que com a organização de saídas de campos para o Catavida, a imagem dos trabalhadores e da separação de lixo seria mais valorizada, como deveria.*

*Esperamos o apoio de vossa excelentíssima nesse projeto de conscientização no ambiente escolar para crianças e jovens. Acreditamos que a escola além de conter o futuro, também contém o presente. Ao obter aprendizados, os estudantes não só levarão para casa como também para o resto de suas vidas.*

*Atenciosamente,*

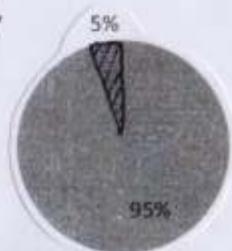
*Amanda Escobar, Natália Bassani e Paula Alves - estudantes do ensino médio da IENH.*



## **Lixo produzido e reciclado por mês na cidade de Novo Hamburgo**

■ Produzido: 6900 toneladas

■ Reciclado: 350 toneladas



fonte: catavida - NH

## Esporte e Corrida pela Cidadania

Arthur Ribas, Lucas Scheffel, Wagner dos Santos,  
Guilherme Lauffer e Gabriela Boiaski

Para muitos, as Olimpíadas são somente um evento esportivo de festa e diversão. O que vemos é que a sociedade não demonstra interesse sobre os competidores, pensando somente na vitória. Mas este evento não é apenas isso: devemos olhar para a vivência, a experiência e a preparação do atleta.

Grande parte dos atletas tem origem em famílias humildes. Isso porque o esporte oferece oportunidades para essas pessoas melhorarem suas condições de vida e não se perderem na marginalização. Porém isso não é o suficiente: a pessoa beneficiada precisa ter interesse e dedicação para alcançar seus objetivos. E quando o atleta consegue chegar a um evento como as Olimpíadas, percebe que tudo o que passou valeu a pena e todo o esforço não foi em vão.

Além disso, o esporte é uma maneira de conhecer outras realidades. Realidades estas que conhecemos com o projeto social, no qual um dos principais objetivos é manter um ambiente de relações construtivas, possibilitando o desenvolvimento atlético e o crescimento como cidadão das crianças e adolescentes. E isso vimos no Corrida pela Cidadania. O Corrida pela Cidadania é uma forma de auxílio para quem participa do projeto, visto que é um espaço de interação em que os jovens são ensinados a buscar e lutar por seus objetivos.

Dessa forma, podemos perceber que o lado do esportista e o que isso tudo significa para ele deve ser levado em consideração, e o mesmo para o projeto social. Entendemos o esporte como um meio de conquistas e dedicação, e isso ajuda muito contra o mundo violento que vivemos atualmente. Assim, percebemos que praticar esportes é uma maneira de correr pela cidadania que tanto almejamos, pois faz a pessoa batalhar e ter força para buscar o que ela procura.



"Nunca é sobre o outro."



Isabel Cristina Vetter Lizakosky - Formada em Pedagogia, especializada em "orientação educacional", pós graduada em psicologia de processos educacionais e mestranda em ações comunitárias na infância e na juventude. Isabel trabalha na IENH há 40 anos, com trabalhos sociais há 25 e é uma das precursoras do projeto "Um olhar para o outro".

- 1) O que te incentivou a iniciar o projeto "Um olhar para o outro" e quais eram as metas iniciais?  
O projeto começou em um momento em que se percebia que muitos jovens estavam distantes da realidade, do que é o mundo "real". Sabemos que a grande maioria dos alunos da IENH tem uma boa condição de vida e disso surgia uma faixa preconceituosa dos alunos, afinal eles não tinham noção nenhuma do que era o cotidiano de outras pessoas. Eu dizia que o entendimento entre as realidades só podia acontecer aproximando elas, isso que acontece com o projeto.
- 2) Qual o principal objetivo para o beneficiado?  
Eu acho que é o reconhecimento, nós nascemos para ser reconhecidos. Enquanto a pessoa não for reconhecida, ela não vai conseguir gerar relacionamentos saudáveis e muitas vezes se resulta em violência.
- 3) Alguns números do projeto?  
O projeto tem 10 anos e capacitou 1.020 alunos para prática de solidariedade, com projetos para 16 locais diferentes em Novo Hamburgo. Beneficiou 5.824 crianças, adolescentes, adultos e idosos.
- 4) Uma dica que você daria para os alunos que vão iniciar/estão iniciando o projeto?  
Principalmente é executar a proposta: destruir os preconceitos e superar aquele "medo" de viver o que não conhece. Talvez as coisas não aconteçam de forma perfeita o tempo todo e o aluno precisa entender que isto é normal e apesar dos contratemplos precisa manter a mente aberta.

Forte, intenso e emocionante, Crianças Invisíveis é uma produção recomendada pela Unicef, que retrata os diferentes cotidianos de crianças ao redor do mundo, mas que possuem sonhos e uma infância em comum. O filme trata de assuntos tão delicados de forma tão sutil e sensível que convoca o telespectador a possuir uma visão ampliada sobre diversos assuntos. O longa foi produzido em 2002, pelo inglês Ridley Scott e de sua filha Jordan Scott, pela brasileira Katia Lund (co-diretora de Cidade de Deus), do norte-americano Spike Lee, do chinês John Woo, do italiano Stefano Veneruso, do bósnio Emir Kusturica e do argelino Mehdi Charef.

*Be the change you  
want to see in the  
world*  
Mahatma Gandhi

CRIANÇAS INVISÍVEIS

invisível  
el invisível  
invisível inv  
visível in  
invisível  
vel invisível  
vel i  
invi

visível in  
invisível in  
sível invisível  
vel invisível inv  
invisível invisível  
invisível invisível  
visível invisível i  
sel invisível invisível  
invisível invisível  
invisível invisível in



el in  
invisível  
vel invi  
invisível  
el invisível  
visível in  
invisível  
visível i  
el invisível  
sível  
inv



Muitas pessoas em situações periféricas sofrem diariamente o fardo de seus problemas. Projetos sociais surgem como uma alternativa de amenizar a condição em que essas pessoas se encontram.

Ainda hoje, indivíduos são diariamente discriminados e excluídos, encontrando-se em situações precárias; como falta de alimento, agasalho, lazer, entre outros. Enquanto parte da sociedade se ocupa gastando alguns salários mínimos em aparelhos eletrônicos, outra se encontra revirando latões de lixo e vivendo de pequenas moedas – aqueles trocados que caem do bolso e se julgam “irrelevantes”.

Mesmo que sejam criados programas sociais e campanhas que procurem minimizar a desigualdade, cabe a cada um de nós saber olhar além de nossas – “súxurias” – e intolerâncias; afinal, para que uma sociedade esteja em equilíbrio, é de suma importância que não sejamos preconceituosos, mas sim alertas da distância entre nós e o próximo.

O povo brasileiro, em certa escala, vem vivenciando um crescimento do modelo Americano de consumo, esse que define como nunca estaremos satisfeitos com a compra mais recente, sempre achando algo mais para desejar. Ocupados dentro de nossas “bolhas” acabamos por não ver o mundo a nossa volta, assim, nos tornando ignorantes e cegos aos problemas de outras pessoas.

Um projeto social visa, justamente, desconstruir essa ignorância entre as camadas consumistas e aquelas que sofrem com a falta de recursos, dessa forma diminuindo consideravelmente a distância entre realidades. Os programas não beneficiam somente pessoas em situações periféricas, na verdade, todos aqueles envolvidos acabam levando consigo alguma aprendizagem construtiva. Ao envolvermos em algo tão grande e solidário, não sentiremos apenas uma “auto satisfação”, mas sim algo muito maior. Trabalhando com novas realidades, acabamos conhecendo e absorvendo novas visões de mundo e de vida, podendo assim sair de sua “bolha” e ver o mundo como realmente é.

Enfim, projetos sociais são necessários para nivelar as desigualdades da nossa sociedade, e além disso para mostrar ao indivíduo moderno e consumista que a vida vale muito mais do que vemos em lojas e propagandas; vale aquele sorriso de gratidão, alegria e pura felicidade que recebemos ao olhar para o outro.

Isabella Pessim e Mateus Goldoni, formandos do Ensino Médio.

